

## Descendência poético-mineira

Quando olho para Drummond, meus olhos se enchem d'água  
Não descendo da família dos Andradas,  
Mas preservo o mesmo espírito mineiro.  
Meus olhos choram de saudade, emoção e tristeza.  
Saudade de seu olhar gauche, tímido e acolhedor,  
de sua sensibilidade poética e afetiva.  
Saudade de suas palavras que lutam e brincam no papel.  
Emoção por sentir o sangue de Minas que jorra dos poemas  
e respinga em mim, manchando a minha pele,  
marcando a minha alma.  
Emoção por sentir que não estou no "Retrato de família"  
No entanto, posso inventar uma biografia e ser sua bisneta  
tataraneta, quem sabe?!

Na vida poética, sou sua descendente.  
Este retrato de família, um tanto empoeirado  
Renovo com versos que escrevo sobre a "vida besta",  
sobre memórias que escorrem e me escapam num bailado.  
Entretanto, sinto tristeza, Drummond  
Por saber que você tinha razão quando dizia que o rio  
era doce, mas a Vale  
era amarga... e cruel.

Na fotografia do tempo, retrato do Capital  
Em breve, não veremos mais a Serra do Curral  
na capital.  
É, Carlos, não sei o que serão das estradas de Minas  
Não sei o que serão das estradas de mim...

Mirella Carvalho do Carmo<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2851-7792>

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras (PPGL/UFLA). Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Lavras (FAELCH/UFLA). Membro do Grupo de Pesquisa: Linguagem Literária e Educação Estética (CNPq). E-mail: [carvalho.m2108@gmail.com](mailto:carvalho.m2108@gmail.com)



Recebido: 18/05/2022

Aprovado: 30/06/2022  
DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2841

Publicado: 28/07/2022